

CENTRO UNIVERSITÁRIO DO SUL DE MINAS – UNIS/MG
PEDAGOGIA
ÍCARO DE OLIVEIRA LEITE

**ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS: moral e fantasia como construtores de uma
personalidade**

Varginha
2017

ÍCARO DE OLIVEIRA LEITE

**ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS: moral e fantasia como construtores de uma
personalidade**

Monografia apresentada ao Centro Universitário do Sul de Minas Unis/MG, como parte integrante dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciada no Curso de Licenciatura em Pedagogia. Orientador: Prof. Ma. Carina Adriele Duarte de Melo.

**Varginha
2017**

ÍCARO DE OLIVEIRA LEITE

ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS: moral e fantasia como construtores de uma personalidade

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia do Centro Universitário do Sul de Minas- UNIS/MG, como pré requisito para obtenção do grau de Licenciatura, pela Banca Examinadora composta pelos membros.

Aprovado em

Prof. Ma. Carina Adriele Duarte de Melo.

Prof. César dos Santos Pereira

Prof. Ma. Vania de Fatima Flores Paiva

OBS.:

Dedico este trabalho a Lewis Carroll por me proporcionar a experiência única de ler sobre as aventuras de Alice

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que me deram apoio e suporte na construção e estruturação desta pesquisa, em especial à Prof. Da. Terezinha Richartz e à Prof. Ma. Carina Adriele Duarte de Melo. Agradeço também à minha mãe Jucéia, meu psicólogo Diogo, meus amigos e primos por me ajudarem a me divertir; parte importante da construção desta pesquisa.

“Nem que nada sei eu sei... Sócrates errou.”
(Filipe Ret)

RESUMO

As aventuras de Alice no país das maravilhas é uma obra muito importante na história da literatura, e, por causa disso (mas não só por causa disso) foi escolhida para ser analisada nesta pesquisa, que se trata de uma pesquisa bibliográfica. Seu objetivo é entender como a realidade e a moral são desconstruídas e reconstruídas por Alice em *As aventuras de Alice no País das Maravilhas*. A definição nietzschiana de moral foi a escolhida para se trabalhar esse assunto por se tratar de uma filosofia rica em profundidade, profundidade essa presente também em *As aventuras de Alice no País das Maravilhas*. Essa pesquisa tem também por objetivo mostrar como essa moral e realidade criadas pela literatura podem influenciar os leitores em sua formação, não só se tratando de sua formação alfabética, mas também se tratando da sua imaginação e formação de seu caráter e moral próprios. Teria a literatura influência na formação de nossa moral? Os resultados obtidos apontam que a literatura pode sim ser influente em nossa formação individual e que *As aventuras de Alice no País das Maravilhas* nos apresenta uma moral e realidade criadas “ao avesso”, e com essa característica peculiar vem um jeito diferenciado de formação moral proporcionado pela obra.

Palavras-chaves: Moral. Fantasia. Verossimilhança. Mimese. Alice no País das Maravilhas.

ABSTRACT

Alice's Adventures in Wonderland is a very important book in the history of literature, and because of it (but not just because of it) it was chosen to be analyzed in this research, that is a bibliographical research. Its goal is to understand how reality and morals are deconstructed and reconstructed by Alice in Alice's Adventures in Wonderland. The nietzschean definition of morality was the one chosen for a question of work in this question for being treated as a deep philosophy. This depth is also present as Adventures of Alice in Wonderland. This research also aims to show how moral and reality created by literature can influence readers in their formation, not only in their alphabetical formation, but also dealing with their imagination and formation of their character and moral. Did literature influence the formation of our morals? The results obtained indicate that literature can be influential in our individual formation and that Alice's Adventures in Wonderland presents a moral and reality created "upside down", and with this peculiar characteristic comes a different kind of morall formation provided by the book.

Key words: *Moral. Fantasy. Verissimilitude. Mimesis. Alice in Wonderland.*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 VEROSSIMILHANÇA E MIMESE NO PAÍS DAS MARAVILHAS	10
2.1 A mimese e verossimilhança criadas no País das Maravilhas.....	10
2.2 Alice como questionadora do País das Maravilhas.....	12
2.3 Como o País das Maravilhas transforma Alice.....	13
3 MORAL NIETZSCHEANA NO PAÍS DAS MARAVILHAS.....	16
3.1 O País das Maravilhas debaixo de cada um.....	16
3.2 É tudo um sonho?	18
3.3 Alice como intérprete do País das Maravilhas.....	18
4 A LITERATURA COMO CONSTRUTORA DA MORAL.....	20
4.1 Como a Literatura pode auxiliar no desenvolvimento da moral e dos valores.....	20
4.2 <i>As aventuras de Alice no País das Maravilhas</i> e sua moral do avesso.....	21
5 CONCLUSÃO.....	23
REFERÊNCIAS.....	24

1 INTRODUÇÃO

Lewis Carroll, pseudônimo de Charles Lutwidge Dodgson, tem seu nome lembrado através da história por ter escrito *As aventuras de Alice no País das Maravilhas* e também *Através do espelho e o que Alice encontrou por lá*. Podemos classificá-lo como um autor de literatura *nonsense*, que consiste em escrever coisas “sem sentido” ou aproveitando-se do duplo sentido de palavras ou expressões para criar situações cômicas e inesperadas.

As aventuras de Alice no País das Maravilhas foi escolhido para ser o tema principal desta pesquisa primeiramente por cativar a atenção do autor deste trabalho justamente pelo seu humor peculiar e por brincar com a realidade da forma como faz. Além disso, essa obra, desde sua escrita, é lida por diversas crianças e adultos, mas qual seria a influência dessa obra na formação das crianças e dos adultos? Essa é a pergunta principal desta pesquisa e seu maior objetivo é respondê-la.

Além desse objetivo temos alguns mais específicos: entender como a fantasia, envolvendo também a mimese e a verossimilhança, conceitos aristotélicos, é construída em *As aventuras de Alice no País das Maravilhas*. Esse será o tema do segundo capítulo desta pesquisa. Conversaremos com Aristóteles através do seu tratado da arte poética para podermos definir como tal fantasia é criada e como ela institui sua mimese e verossimilhança próprias através da obra.

O terceiro capítulo trata de demonstrar, através de outro grande pensador da humanidade: Nietzsche, como a moral é construída no geral e como essa moral pôde ser construída em *As aventuras de Alice no País das Maravilhas*. Será, então, percorrida brevemente a explicação dada pelo próprio autor de *As aventuras de Alice no País das Maravilhas*, Lewis Carroll, que diz que tudo não passou de um sonho, mas também será extrapolada essa explicação, entendendo como a moral pode ser construída e como Alice, que veio de um “mundo diferente” a interpreta.

Por fim, o último capítulo tratará de como a fantasia, composta basicamente de mimese e verossimilhança, como já terá sido trabalhado através de Aristóteles, e a moral criadas por Lewis Carroll (intencionalmente ou não) vista pelos olhos de Nietzsche pode influenciar a formação pessoal e a constituição do caráter de crianças e até mesmo adultos. Esse capítulo também encerra a pesquisa bibliográfica, lembrando que: “pesquisa bibliográfica é a busca de uma problematização de um projeto de pesquisa a partir de referências publicadas, analisando e discutindo as contribuições culturais e científicas.” (CARVALHO, 2004, p. 1)

2 VEROSSIMILHANÇA E MIMESE NO PAÍS DAS MARAVILHAS

As aventuras de Alice no País das Maravilhas é uma obra conhecida por seus trocadilhos e brincadeiras de duplo sentido, mas não só isso: um dos elementos mais fascinantes do livro e que mais desperta a atenção do leitor e a sua curiosidade é a fantasia. O fantasioso visto no livro nos faz acreditar que tudo seria possível naquele universo maravilhoso.

Aristóteles, reconhecido pela literatura por seu tratado da arte poética, mas não só por isso, trata nessa obra sobre como uma epopeia ou uma tragédia devem ser estruturadas. Aristóteles também conceitua alguns elementos importantes, não só na arte da poesia em versos mas em todas as formas da arte. Dentre esses conceitos estruturados por Aristóteles, nos atrelaremos a dois principais: a mimese e a verossimilhança. Tais conceitos serão devidamente explicados ao decorrer desta pesquisa.

Mas afinal, qual a semelhança entre a mimese e verossimilhança aristotélicas e *As aventuras de Alice no País das Maravilhas*? *As aventuras de Alice no País das Maravilhas* é uma obra importante na história da literatura, e, como tal, sua estruturação e escrita são primorosas. Isso nos permite uma relação entre essa e a arte poética de Aristóteles. A mimese e verossimilhança encontram exemplos peculiares entre as páginas de Alice.

2.1 A mimese e verossimilhança criadas no País das Maravilhas

Quais os elementos necessários para que uma obra se torne aceitável e crível pelo público? Recorramos a Aristóteles que em seu tratado da arte poética Aristóteles diz: “É claro, também, pelo que atrás ficou dito, que a obra do poeta não consiste em contar o que aconteceu, mas sim coisas que podiam acontecer, possíveis no ponto de vista da verossimilhança ou da necessidade.” (2005, p. 28) Ou seja: a verossimilhança exerce papel fundamental nessa relação entre o fantástico e o aceitável, é preciso que o autor convença o leitor que o que ele está lendo é possível dentro do universo criado pelo autor.

Lewis Carroll faz isso com maestria, mas ele utiliza um “truque” que o permite representar o que quiser dentro do País das Maravilhas: ele nos deixa intrigados e confusos durante toda a leitura e só revela ao final como tudo isso foi possível; ele nos diz que tudo não passava de um sonho.

A essas palavras o baralho inteiro se ergueu no ar e veio voando para cima dela: Alice deu um gritinho, um pouco de medo e um pouco de raiva, tentou repeli-los e se viu deitada na ribanceira, a cabeça no colo da irmã, que afastava delicadamente

algumas folhas secas que haviam voejado das árvores até seu rosto. (CARROLL, 2009, p. 146)

Quando o autor diz que era tudo um sonho ele faz com que tudo o que aconteceu durante toda aquela aventura fosse possível dentro desse universo criado. Mas como já foi dito, a peculiaridade de *As aventuras de Alice no País das Maravilhas* está em nos permitir navegar por suas fantasias durante toda a obra antes de nos convencer de que tudo aquilo era possível.

Lewis Carroll descreve as aventuras de maneira tal que nos perdemos em suas frases sem sentido que têm a intenção de nos fazer pensar sobre os significados das palavras nos trocadilhos. Somente nos deixamos levar pelas aventuras de Alice no País das Maravilhas. Aristóteles ficaria orgulhoso, pois ele disse:

“É mister, com efeito, arranjar a fábula de maneira tal que, mesmo sem assistir, quem ouvir contar as ocorrências sinta arrepios e compaixão em consequência dos fatos [...]” (2005, p. 33)

Além da verossimilhança, que nos diz que uma obra deve ser convincente em suas fantasias, é importante reconhecer a mimese, conceito também aristotélico que nos ajudará a entender como a “sedução” pela obra ocorre. Palhares, citando Aristóteles, diz que o que dá origem à arte poética é a disposição do homem por imitar o que for atrativo para si, imitar o que o traz prazer. E continua dizendo que o poeta se intitula poeta não por fazer poesias em versos, mas por através de sua capacidade de imitação (mimese) cria mitos e fábulas. (2013, p. 16)

Mas então o que é mimese? A mimese é essa capacidade de imitação do mundo real (ou de pedaços específicos desse mundo, como animais ou até conceitos ideológicos, como a moral) que trazem prazer ao autor, e esperançosamente, ao leitor.

A mimese no País das Maravilhas é muitas vezes “ao contrário”, mas não de uma forma que faz com que a leitura seja desconfortável ou sem significado, mas a expectativa do leitor é quebrada junto aos acontecimentos do livro. Um exemplo claro seria quando Alice também se surpreende junto a nós quando descobre que passou por ela um coelho branco dizendo que estava atrasado e tirando do bolso do colete um relógio. A primeira quebra de expectativa está em um coelho falar, e, além disso, tirar do bolso um relógio sendo que, obviamente, coelhos não usam coletes, não falam e, muito menos, olham as horas. (CARROLL, 2009, p. 13)

Quando Lewis Carroll faz isso ele copia (mimese) elementos da nossa realidade, mas rearranja esses elementos de uma forma que nos cause surpresa mas sem perder a

verossimilhança. Coelhos existem no nosso mundo, coletes e relógios também, mas um coelho de colete e relógio de bolso para nós é in

A partir desse ponto a fantasia começa e a mimese do nosso mundo, com um toque de Lewis Carroll, toma forma em seu objetivo de nos cativar e, junto com a verossimilhança, nos fazer acreditar que aquilo tudo seria possível.

A obra literária deve ser escrita de tal maneira que nos faça vagar por suas palavras e nos faça sentir como se o sentido não fosse necessário para que aquilo se faça aceitável, mas não só isso: é necessário que a obra, ao mesmo tempo que crie um contexto no qual os seus versos sejam aceitáveis e verossímeis, nos faça nos perder na história junto com os personagens. Os dois se complementam: a verossimilhança e a mimese tem de vir ao encontro com a escrita convincente e capaz de causar entusiasmo no leitor.

2.2 Alice como questionadora do País das Maravilhas

Como já foi dito: o País das Maravilhas para nós é totalmente surpreendente desde a nossa primeira introdução a ele (considerando o contato com o Coelho Branco o primeiro contato com o País em si) e também o é para Alice, que se surpreende, tanto quanto nós, com o Coelho Branco.

Retomando, Aristóteles nos diz que a verossimilhança é indispensável a uma poesia, mas como Lewis Carroll faz um coelho falante de colete nos parecer verossímil? Alice. Alice nos representa durante toda a obra; ela questiona tanto o País das Maravilhas e suas peculiaridades quanto nós. Um exemplo: quando Alice, quando pequena, acha uma caixa com um bolo e resolve comê-lo na esperança de que o bolo a aumente, mas para sua surpresa isso não acontece, então o narrador diz:

“[...] não há dúvida de que isso geralmente acontece quando se come bolo, mas Alice tinha se acostumado tanto a esperar só coisas esquisitas acontecerem que lhe parecia muito sem graça e maçante que a vida seguisse da maneira habitual” (CARROLL, 2009, p. 22)

E então Alice continua no próximo capítulo: “CADA VEZ MAIS ESTRANHÍSSIMO!” (CARROLL, 2009, p. 23). Ela se surpreende junto a nós quando coisas inesperadas acontecem e isso nos faz sentir mais próximos dela e do País das Maravilhas. Esse elemento em específico faz com que a trama se desenvolva de forma crível já que as coisas não acontecem ao léu, mas vêm junto à surpresa de Alice de acordo com que vão acontecendo.

Assim o questionamento de Alice nos faz nos sentirmos representados por ela. A cada vez que algo estranho acontece e Alice diz que acha tudo isso muito estranho nos sentimos representados por sua surpresa.

“Ai, ai! Como tudo está esquisito hoje! E ontem as coisas aconteciam exatamente como de costume. Será que fui trocada durante a noite?” (CARROLL, 2009, p. 25)

Alice reflete sobre o País das Maravilhas e sobre como ele está a mudando. Lewis Carroll, através de nossa empatia, faz com que sintamos a angústia de Alice quando coisas inexplicáveis acontecem. A mudança repentina de tamanho de Alice nos faz confusos pois essa não é uma possibilidade para nós em nosso mundo, mas Alice também veio do nosso mundo rumo ao País das Maravilhas, por isso suas surpresas são as mesmas que as nossas seriam, mas, obviamente, com um toque de humor e inocência inerentes à uma criança como Alice.

A mimese criada por Lewis Carroll a surpreende e também a nós, e isso nos traz a verossimilhança, pois, como já foi dito, Alice vem do mesmo mundo que nós. A realidade vai sendo lentamente modificada ao decorrer da obra, e, conseqüentemente, Alice também.

2.3 Como o País das Maravilhas transforma Alice

O País das Maravilhas, como já debatemos, é lugar causador de espanto para Alice por se tratar de um lugar onde coisas inexplicáveis acontecem, mas esse mesmo lugar transforma Alice com todas suas esquisitices. Em um trecho já citado nesta pesquisa Alice diz:

‘Ai, ai! Como tudo está esquisito hoje! E ontem as coisas aconteciam exatamente como de costume. Será que fui trocada durante a noite? Deixe-me pensar: eu *era* a mesma quando me levantei esta manhã? Tenho uma ligeira lembrança de que me senti um bocadinho diferente. Mas, se não sou a mesma, a próxima pergunta é: ‘Afim de contas quem sou eu?’ Ah, *este* é o grande enigma!’ (CARROLL, 2009, p. 25)

Alice, apesar de sua inocência e comicidade, diz-nos que está se sentindo diferente devido às coisas que haviam acontecido a ela ao decorrer daquele dia. A fantasia começa a afetá-la desde quando ela caiu no País das Maravilhas. As mudanças a atingem à transformando em uma personagem do País em si com todas as esquisitices inerentes a ele.

Esta é mais uma evidência do bom trabalho feito por Lewis Carroll se tratando de mimese e verossimilhança: o espanto de Alice nos aproxima, sentimos nela o medo, ou até

mesmo a decepção, das mudanças drásticas que aconteceram recentemente nas leis físicas e da forma repentina com que tais mudanças acontecem.

Algumas vezes é possível perceber em Alice certa decepção por não encontrar si mesma. Falaremos de Nietzsche ainda nesta pesquisa, mas podemos adiantar uma passagem muito importante dele que nos ajudará a entender o conflito de Alice: “Que diz tua consciência? – Deves tornar-te aquilo que és” (1992, p. 134). Você pode se perguntar o que isso tem a ver com Alice e suas mudanças, mas para entendermos leiamos um trecho da conversa entre Alice e a Lagarta:

‘Quem é você?’ perguntou a Lagarta.

Não era um começo de conversa muito animador. Alice respondeu, meio encabulada: ‘Eu... eu mal sei, Sir, neste exato momento... pelo menos sei quem eu *era* quando me levantei esta manhã, mas acho que já passei por várias mudanças desde então.’

[...]

‘Então acha que está mudada, não é?’

‘Receio que sim, Sir’, disse Alice. ‘Não consigo me lembrar das coisas como antes... e não fico do mesmo tamanho por dez minutos seguidos!’

[...]

‘De que tamanho você quer ser?’ perguntou.

‘Oh, não faço questão de um tamanho certo’, Alice se apressou a responder; ‘só que ninguém gosta de ficar mudando toda hora, sabe.’

‘Eu não sei’, disse a Lagarta. (CARROLL, 2009, p. 57-60)

As lagartas são, para nós, exemplos de mudança, de metamorfose, devido à sua capacidade de se transformar em borboleta à certa altura da vida. Podemos tomar o que Alice diz como uma metáfora para as mudanças que ela mesma havia sofrido quando ela diz que não fica do mesmo tamanho por dez minutos seguidos; a Lagarta, nesse trecho representa justamente a metamorfose, ela vem para nos fazer pensar sobre a mudança. Como ela está destinada a mudar naturalmente, para ela a mudança não é um processo incômodo, de algum modo ela sabe que sempre será lagarta por mais que vire borboleta. Alice, no trecho antes citado, quando diz que não sabe se é a mesma pessoa, também metaforiza sobre as mudanças quando começa a pensar se ela teria sido trocada por outra criança que ela conhece (2009, p. 25-26)

Onde Nietzsche se encaixa nisso tudo? Ele nos diz para nos tornarmos quem somos, e Alice não sabe quem é, portanto, este é um dilema enfrentado por ela: ela não sabe quem é, e quando acha que sabe, acaba mudando de tamanho e todas as certezas que havia adquirido se vão com essa mudança. Nietzsche nos fala muito sobre seguirmos nosso próprio caminho e que momentos difíceis (mas não só eles) e de turbulência são tomados por nós como coisas

que não hão de passar, mas são justamente esses momentos os que mais nos definem e mais nos transformam rumo a quem realmente somos.

Tudo isso será tratado no próximo capítulo, que dirá sobre como o País das Maravilhas, além de construir sua mimese e verossimilhança, constrói também uma moral. Seria essa moral capaz de transformar Alice tanto quanto a fantasia?

3 MORAL NIETZSCHEANA NO PAÍS DAS MARAVILHAS

Nietzsche, segundo Larrossa, exige de seus leitores que esses sejam pessoas capazes de “ler devagar e com profundidade, com intenção profunda, abertamente e com olhos e dedos delicados” (2005, p. 14). Além disso, é importante para Nietzsche saber largar o texto na hora certa. É preciso ter com o livro assim como se tem com os alimentos: ser capaz de digeri-lo e logo após esquecê-lo, manter para si o que for útil, mas ao mesmo tempo se esquecer do que se leu. É necessário ter “[...] as tripas limpas e sãs, um metabolismo leve e rápido [...]” (apud LARROSSA, 2005, p. 21-22). Assim sejamos com tudo o que lemos para poder então abrir espaço ao que vem de novo à barriga.

Martin Gardner – quem fez a introdução de Alice: edição comentada – concorda com Gilbert K. Chesterton quando esse diz que temia o dia em que Alice caísse nas mãos de acadêmicos e se tornasse “fria e monumental como um túmulo clássico” (CHESTERTON apud GARDNER, 2002, p. 7), mas complementa que “nenhuma piada tem graça a menos que se possa entendê-la, e às vezes o sentido tem de ser explicado” (GARDNER, 2002, p. 7). Portanto, não tomemos esta pesquisa como o “resfriamento” de Alice, mas sim a conferência de novos sentidos a suas piadas e trocadilhos geniosamente pensados por Lewis Carroll, ou, se preferirem: Charles Lutwidge Dodgson; e, com certeza, lembrando-nos de esquecê-la. Como diria Nietzsche: “A vantagem de uma memória ruim é poder fruir as mesmas coisas boas várias vezes pela primeira vez.” (2005, p. 166)

3.1 O País das Maravilhas debaixo de cada um

Quando Nietzsche diz “‘toda verdade é simples.’ — Não existe aí uma dupla mentira?” (2001, p. 6) ele nos permite uma reflexão interessante sobre o País das Maravilhas: temos muitas vezes as nossas convicções e as achamos sempre corretas e únicas assim como Alice pensava do seu mundo “real”. Portanto, para que essas convicções errôneas sejam derrubadas, temos que aceitar o mais difícil: existem outros “mundos”!

Assim fica claro entender o que Nietzsche diz em:

Agrado-te, meus discursos te são atraentes,
desejas seguir-me e ao trilho de meus passos?
Segue fielmente a ti mesmo
e assim me seguirás... suavemente,
muito suavemente. (NIETZSCHE, 1992, p. 16)

É possível ler em Nietzsche que temos que seguir nosso próprio caminho e que ele não é nenhum profeta ou ditador de comportamentos. Nietzsche até se intitula imoralista. Portanto, é necessário entender como se dá a entrada de Alice ao País das Maravilhas, um outro trilha para ela, para entendermos depois como o país em si se comporta, influencia e se relaciona com Alice.

Alice ao ver o Coelho Branco (trecho já citado nesta mesma pesquisa) não se surpreende, por mais que ele tenha falado – é necessário complementar que: apesar de Alice não se assustar com a fala do coelho, numa reflexão posterior ela admite que deveria ter ficado espantada, mas na hora tudo parecia muito natural (CARROLL, 2009, p. 13) – até que o Coelho tira do seu bolso do colete um relógio de bolso (CARROLL, 2009, p. 13). Analisando esta parte específica, podemos interpretar de uma forma curiosa: a fala do Coelho pode, num primeiro momento, não ser surpreendente por se tratar de uma forma de expressão, mas “um coelho com bolso de colete” é muito estranho porque, diferentemente da expressão, o uso de colete e relógio de bolso é exclusivamente humano; só humanos se preocupam com as horas. Então, quando Alice se depara com esta quebra de paradigma, ela decide seguir o Coelho e acaba caindo no País das Maravilhas. Alice foi atrás por curiosidade; aquele “corpo estranho” não compartilha das mesmas “leis” que Alice; seu mundo é diferente.

Como já foi dito, permitindo-nos uma extrapolação, podemos entender esta cena em específico como um confronto de convicções morais; onde no país de Alice um coelho usaria relógio? Em lugar algum. Portanto, quando Alice segue-o ela procura respostas sobre a origem daquele coelho. De onde teria este coelho saído? Do País das Maravilhas, é claro. Um lugar com leis diferentes, convicções diferentes, onde as pessoas têm reações diferentes às situações, etc. É como se Alice descobrisse que existem “países” diferentes.

Em “Além do Bem e do Mal”, Nietzsche também comenta nossa vontade de verdade e como ela nos faz correr riscos e nos enganarmos (NIETZSCHE, 2005, p. 9) e isto aconteceu com Alice, que, quando teve vontade de verdade, correu perigo e se arriscou para sanar sua curiosidade e sua dúvida. Quando ela aceita, por mais que inconscientemente, seguir o Coelho Branco ela se “sacrifica previamente” em busca de uma verdade que não era a dela.

O “mundo real” pode muitas vezes nos parecer normal e são fazendo contraste com o País das Maravilhas, mas o País das Maravilhas em si não seria louco e do avesso; o que os personagens fazem no País das Maravilhas é que pode causar reações diferentes das esperadas normalmente. Um exemplo seria quando depois de beber de um frasquinho Alice diz: “‘Que sensação estranha!’ disse Alice; ‘devo estar encolhendo como um telescópio!’” (CARROLL, 2009, p. 20)

3.2 É tudo um sonho?

O País das Maravilhas tem características oníricas. Podemos tomar como exemplo quando Alice destravou a portinha com a chavezinha (CARROL, 2009, p. 18), mas depois de beber do frasquinho ela percebe que esqueceu a chavezinha em cima da mesa (CARROL, 2009, p. 20); isto dá a entender que está, pelo menos nesse trecho, tudo fora de ordem e sem nem uma linearidade; característica muito presente nas representações oníricas. Não só nesse trecho, a característica onírica da falta de linearidade se faz presente; esta característica também está presente quando Alice cai na lagoa de lágrimas (CARROL, 2009, p. 28) e o jardim que ela tanto queria alcançar (CARROL, 2009, p. 18) some e só volta a reaparecer no final do capítulo: Um chá maluco (CARROL, 2009, p. 91).

Apesar dessa interpretação ser óbvia, já que é a informação explícita contida no livro – “Acorde, Alice querida!” disse sua irmã. ‘Mas que sono comprido você dormiu!’” (CARROL, 2009, p. 146) – podemos ir muito além disso. Podemos, como Alice, nos permitir viajar por um país diferente, imaginar coisas, interpretar o livro de alguma outra forma e aprender com isso. Essa é a proposta do nosso próximo tópico.

3.3 Alice como intérprete do País das Maravilhas

Nietzsche na obra: “A Gaia Ciência” fala um pouco sobre a necessidade de fantasia dos homens quando diz:

O maravilhoso fazia tanto bem a essas pessoas que deviam por vezes se cansar da regra e da eternidade. Perder finalmente o pé! Planar! Errar! Ser louco! Paraíso, embriaguez de antigamente; ao passo que nossa beatitude se assemelha à do náufrago que acaba de chegar à costa e que se alça com os dois pés plantados no velho solo, terra firme... espantado de que ela não oscile. (1992, p. 59)

Nietzsche então estabelece que a fantasia vem para tirar dos pés o chão de quem se sente deveras firme; necessitamos de espanto com o diferente às vezes para podermos nos sentir mutáveis com e como o resto do mundo. Seria essa a necessidade de Alice? Quando se põe lendo um livro (CARROLL, 2009, p. 13) sem figuras nem diálogos e se sente incomodada com isso aparece o Coelho Branco falante de colete a convidando para o País das Maravilhas. Um resgate à regra, à convicção e certeza.

O País das Maravilhas por ser interpretável como o contrário da realidade pode ser visto como uma crítica à construção moral dando a entender que: se o nosso mundo fosse diferente não acharíamos estranho o que fosse moralmente aceito nele; como diria Nietzsche:

Para quem quer estabelecer uma moral é preciso entender que a partir do momento que estabeleceres as coisas ‘boas’ e exemplares é preciso tê-las sempre à boca para que as pessoas as tenham como normais, assim o que é dourado e valioso se tornará chumbo; banal. (1992, p. 143).

Por esse motivo Alice pode achar o País das Maravilhas estranho, por ter as coisas que acha normais e banais substituídas por outras contrárias à sua normalidade. É como se Lewis Carroll, assim como Nietzsche, quisesse que nos colocássemos no lugar de Alice: imaginar um mundo além do nosso ponto de vista, onde o que temos como valor e convicção é substituído por outros valores e convicções. Não se tratando apenas de animais falantes e pessoas que diminuem, mas como uma crítica à moral por excelência. Não estamos acostumados a aceitar que existem outros pontos de vista, pode ser que os tenhamos como Países das Maravilhas, lugares fantásticos, inexistentes, mas cheio de moradores com sua moral específica. Podemos pensar que o País das Maravilhas está do outro lado do mundo, mas nossa vizinhança já é um País das Maravilhas; um “país” totalmente diferente do nosso e isso causa estranheza.

Após algum tempo no País das Maravilhas, Alice percebe e comenta que já está muito mudada desde quando acordou naquele dia (CARROLL, 2009, p. 25); o País a afetara e a fizera mudar de tamanho algumas vezes até aquela hora. Nietzsche logo diria:

Raramente temos consciência de que cada período de sofrimento de nossa vida seja patético; tudo que encontramos nessa fase acreditamos, contrariamente, que é o único estado possível, um ethos e não um pathos para falar e distinguir com os gregos. [...] não se pode ter essas sensações durante anos, ou mesmo durante eternidades: tornar-nos-íamos demasiadamente ‘etéreos’ para este planeta. (1992, p. 154)

Somos diferentes a cada momento, e, claro, somos influenciados pelo mundo que nos cerca para tal; Alice se sentia diferente por se meter com coisas que não via no dia a dia, mas que, de alguma forma, a afetava naquele momento.

É possível perceber que a moral pode ser construída por um autor da mesma forma que a fantasia é. Sua verossimilhança e mimese são estruturados, mais ainda assim não são um retrato fiel da humanidade. Portanto, quando imitamos nossa realidade criando um novo universo dentro da obra literária necessariamente temos de criar e estruturar uma moral. Isso

acontece mesmo inconscientemente, pois, como as coisas acontecem diferentemente, necessitamos de respostas diferentes. Problemas diferentes exigem soluções diferentes.

A moral pode ser estruturada. A fantasia também, mas como isso influencia no desenvolvimento pessoal de crianças ou até mesmo dos adultos? Esse será o tema do próximo capítulo dessa pesquisa que buscará relacionar a moral interpretada através de Nietzsche e a fantasia interpretada através de Aristóteles em sua mimese e verossimilhança com a construção da moral em crianças e até mesmo em adultos.

4 A LITERATURA COMO UM DOS FATORES CONSTRUTIVOS DA MORAL E DO DESENVOLVIMENTO PESSOAL

Nossos valores, nossa moral, nossas convicções... São construídos a cada dia e são lapidados como diamantes. A literatura pode ser um fator importante na constituição dessa moral assim como todas as outras artes e tudo o que nos cerca.

Este capítulo pretende debater sobre como a literatura é importante na construção da nossa personalidade e como ela nos faz refletir sobre ela a cada momento. *Alice no País das Maravilhas* é uma obra clássica da literatura infantil e uma das mais lidas até hoje, mas apesar disso, é famosa pelo seu *nonsense* que cativa a tantas pessoas. Como já foi estruturado no capítulo anterior: a moral no País das Maravilhas é um impacto para Alice, que enfrenta problemas diferentes a cada momento. Cada personagem a mostra um pouco de como o País é estruturado e como as “pessoas” agem por lá.

Apesar de ser uma obra infantil, Alice nos ensina valiosas lições quando lida com as diferenças morais e de valores entre Alice e os outros personagens. Alice lida de uma forma diferente com as coisas e os personagens muitas vezes a acham estranha por isso. Discutiremos sobre como essa quebra de expectativa vivida por Alice pode nos ajudar a aprender sobre as diferenças vividas todos os dias por nós em nosso mundo.

4.1 Como a Literatura pode auxiliar no desenvolvimento da moral e dos valores

A Literatura nos ensina a todo momento palavras novas, gramática, estilística, métrica e várias outras coisas específicas dessa arte, mas aprendemos com ela também várias outras coisas que constituem nossa personalidade. Livros ensinam tanto quanto pessoas, e Goés diria:

O desenvolvimento da leitura entre crianças resultará em um enriquecimento progressivo no campo dos valores morais, da cultura da linguagem e no campo racional. O hábito da leitura ajudará na formação da opinião e de um espírito crítico, principalmente a leitura de livros que formam o espírito crítico, enquanto a repetição de estereótipos empobrece. (2010, p. 47)

Aqui Goés fala especificamente de crianças e como a literatura as enriquece, mas podemos extrapolar, obviamente, dizendo que a literatura pode enriquecer a todos. Como ela mesma disse, a literatura nos ajuda na formação de nossas próprias opiniões e de um senso crítico apurado. É evidente que tal desenvolvimento exige um certo “nível” conteudístico para que tal desenvolvimento seja concretizado.

“[...] e consciente de que uma das mais fecundas fontes para a formação dos imaturos é a imaginação – espaço ideal da literatura.” (COELHO, 2000, p. 141)

A literatura trabalha muito com nossa imaginação quando somos postos a imaginar situações acontecendo. Envolvemos no processo imaginativo toda nossa criatividade de representação para sermos capazes de estruturarmos coisas quais já tenhamos visto e coisas que vemos constantemente de uma forma que tudo isso se organize proporcionando-nos imagens inéditas em nossas mentes.

As crianças então podem imaginar mundos diferentes através de palavras escritas, viver aventuras de heróis sendo capazes, ainda, de se imaginarem como os próprios heróis. Elas podem devanear sobre histórias contadas nos livros, criar seus próprios cenários, voar com dragões, etc.

Mas além disso, e não menos importante, é a criação de sua própria moral e costumes. Seria demais imaginar que crianças podem formar totalmente seu caráter através de livros, mas seria ainda mais ingênuo pensar que isso não acontece no menor nível que seja. Agregamos de todas as fontes nossa moral e nossa individualidade.

Sabendo disso tudo, como fica Alice no País das Maravilhas com suas ideias doidas e do avesso? Qual o grande ensinamento para crianças vindo de uma obra maravilhosa por excelência? – maravilhosa no sentido de fantasiosa.

4.2 *As aventuras de Alice no País das Maravilhas e sua moral do avesso*

Como já foi dito, a literatura nos proporciona momentos de criatividade quando nos colocamos a imaginar os cenários descritos, e, sabendo disso, fica simples entender o porquê de *As aventuras de Alice no País das Maravilhas* ser uma obra tão aclamada. A mesma brinca com nossa imaginação quando nos põe a pensar em um coelho de colete (CARROLL, 2009, p. 13), uma lagarta fumando narguilé (CARROLL, 2009, p. 55) e tantas outras coisas criativas que acontecem no mesmo. Muitas coisas estranhas acontecem no País das Maravilhas e isso é uma das coisas que mais chama atenção na obra, mas são também essas coisas que causam um certo conflito: como foi dito no último subcapítulo, a literatura pode ser grande influenciadora em nossa formação pessoal e moral e isso foi elogiado em tal subcapítulo, mas se os valores e a moral no País das Maravilhas são quase do avesso em relação aos nossos costumes, como seria isso benéfico para as crianças ou até mesmo adultos em constante evolução?

Como também já foi dito: Alice nos representa em seus valores e convicções e é ela quem nos guia pelas suas próprias aventuras no País das Maravilhas. Nietzsche poderia dizer que o País das Maravilhas é uma fuga à realidade, uma fuga às convicções e certezas; uma necessidade de fantasia. Podemos ir ainda além disso, podemos dizer que o País das Maravilhas pode ser interpretado como uma representação de culturas, valores, morais diferentes, etc. E por isso a obra *As aventuras de Alice no País das Maravilhas* pode nos ajudar a entender melhor que o mundo em que vivemos é povoado de ideias diferentes das nossas e pessoas cujas convicções e moral são também diferentes.

Alice nos mostra sábios com conhecimentos que não nos importam (CARROLL, 2009, p. 104-116), malucos completos (CARROLL, 2009, p. 80-92), um rei e uma rainha de um baralho que dão ordens de execução a quem os aborreça (CARROLL, 2009, p. 92-104) e tantas outras personalidades únicas. Nos ensinando e às nossas crianças que pessoas diferentes podem parecer loucas para nós, mas que, na verdade: “somos todos loucos aqui.” (CARROLL, 2009, p. 77)

5 CONCLUSÃO

As Aventuras de Alice no País das Maravilhas é uma das obras mais aclamadas da literatura vitoriana e da literatura em geral. Sua importância vai além do entretenimento fornecido: ela extrapola os limites do sentido em busca de um mundo *nonsense* e inusitado tanto para o leitor quanto para Alice. Esse mundo criado nos permite refletir sobre o que é criado nos mostrando implicitamente que o País das Maravilhas é também um reflexo da nossa própria realidade. Pode nos parecer invertido como um reflexo parece, mas não deixa de ser a mesma realidade.

Esta pesquisa demonstrou através da pesquisa bibliográfica e análise da obra (*As Aventuras de Alice no País das Maravilhas*) a relação entre essa e *A Poética* de Aristóteles e sua definição de mimese e verossimilhança.

Um segundo caminho percorrido por esta pesquisa foi o caminho da moral nietzschiana. Apesar de ser uma moral ácida e bastante “ao avesso”, Nietzsche nos dá uma visão clara sobre ela e fica, assim, possível e prático relacioná-la à obra de Lewis Carroll.

Depois de discutida a moral, a verossimilhança e a mimese e suas relações com *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas* ficou então o questionamento: qual a influência dessa realidade e moral criadas por Lewis Carroll e definidas, respectivamente por Aristóteles e Nietzsche na vida e construção da identidade de uma criança – ou até mesmo de um adulto?

A pesquisa nos mostrou então que a mimese em *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas* é sustentada por sua verossimilhança, que é construída, genialmente, simultaneamente à descoberta e ao espanto de Alice perante as adversidades e “loucuras” vividas por ela no País das Maravilhas. A realidade é “copiada” e transformada por Lewis Carroll, o qual brinca com ela quando faz seus leitores pensarem sobre o sentido das coisas.

Nietzsche nos disse que a moral pode ser construída, mas que devemos sempre ter as coisas boas à boca para que se tornem chumbo; banais. A moral construída no País das Maravilhas é ao contrário à de Alice e isso a espanta. A moral é, assim como a mimese, pouco a pouco descoberta por Alice ao se aventurar pelo País das Maravilhas.

Após discutir sobre a mimese e a moral no País das Maravilhas a pesquisa então se concentrou em explicar um pouco sobre como tais construções feitas por Lewis Carroll – mas que obviamente pode ser estendida a todas as outras obras literárias e não somente literárias – podem influenciar a construção do caráter e das individualidades das crianças (e adultos). Vimos que a leitura de textos de conteúdo “valioso” pode influenciar positivamente a

formação individual das crianças. A “moral ao avesso” do País das Maravilhas pode ensiná-las a tolerância e a reconhecer as diferentes morais presentes em cada pessoa.

Através da busca de sentido nas palavras de Lewis Carroll chegamos a conclusões nunca antes imaginadas e a reflexões sobre sua mais famosa obra nunca antes feitas. Como ficou esclarecido, o intuito desta pesquisa não foi dizer o que Lewis Carroll queria ter dito, mas ver através de sua obra posicionamentos diferentes sobre a construção moral e sobre a construção de novas realidades na literatura. Alice nos serviu de guia durante todo esse processo, nos mostrando uma forma, por mais que pequena, de entender um pouco sobre uma pequena fração dos conceitos dos grandes filósofos aqui trabalhados, Aristóteles e Nietzsche.

E esperando que Alice não tenha se tornado uma obra “fria e monumental”, encerramos esta pesquisa talvez tendo, como disse Martin Gardner, explicado a graça da piada.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. **A poética clássica**: Aristóteles, Horácio, Longino. Tradução Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 2005.
- CARROL, Lewis. **Alice**: aventuras de Alice no País das Maravilhas; através do espelho e o que Alice encontrou por lá. Tradução Maria Luíza X. De A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2009, p. 7-150.
- CARROL, Lewis. **Alice**: edição comentada - introdução e notas Martin Gardner. Tradução Maria Luíza X. De A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- CARVALHO, Daniel et al. **Pesquisa bibliográfica**. Goiânia, 16 jun. 2004. Disponível em: <<http://pesquisabibliografica.blogspot.com.br>>. Acesso em: 27 mar. 2017.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- GÓES, Lúcia Pimentel. **Introdução à Literatura para crianças e jovens**. São Paulo: Paulinas, 2010.
- LARROSA, Jorge. **Nietzsche & a educação**. Trad. Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A gaia ciência**. Trad. Márcio Pugliesi; Édson Bini; Norberto de Paula Lima. Rio de Janeiro: Ediouro, 1992.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O crepúsculo dos ídolos ou a filosofia a golpes de martelo**. Tradução Édson Bini; Márcio Pugliesi. Curitiba: Hemus, 2001.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- PALHARES, Carlos Vinícius Teixeira. A mimese na poética de Aristóteles. **Cadernos CESPUC**, Belo Horizonte, n. 22, p. 15-19, 2013.